

CAPÍTULO 5. AS PERCEPÇÕES INCONSCIENTES E A METAFÍSICA

No Prefácio dos *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*, Leibniz afirma que as percepções inconscientes (insensíveis e pequenas) também desempenham um importante papel na explicação de algumas de suas teses metafísicas, a saber: a individualidade da alma, a harmonia preestabelecida entre alma e corpo e a harmonia preestabelecida entre todas as almas. Contudo, apesar de sua pretensão manifesta, Leibniz não desenvolve o tema de maneira clara, nem na obra em questão, nem em quaisquer dos escritos de sua autoria que tivemos a oportunidade de analisar.

Buscando eliminar esta lacuna do pensamento de Leibniz, nos propomos, neste derradeiro capítulo de nossa pesquisa, a demonstrar como as percepções inconscientes realmente são capazes de explicar as três teses metafísicas que destacamos acima. Isso, é claro, deve ser compreendido como uma hipótese do autor, visto essa demonstração não ter sido claramente desenvolvida por Leibniz, constando como um tema de caráter duvidoso em sua filosofia.

Por conta dessa hipótese, examinaremos também, de maneira sumária, alguns pontos acerca da física de Leibniz, a saber: a divisibilidade dos corpos, o *continuum*, o pleno, a força e a tese da relação de correspondência entre os elementos materiais, dado que eles também são explicados a partir das percepções inconscientes e participam como premissas das três teses metafísicas que pretendemos demonstrar.

A porta de entrada para a corroboração de nossa hipótese, estabelecemos no Cap.1 desta Segunda Parte de nossa Dissertação. Nele, vimos que Leibniz retira da prova da existência das percepções inconscientes em âmbito empírico (i.e., a partir dos efeitos empíricos) duas conclusões importantes: 1. toda percepção notável é composta de partes não notáveis; e, 2. tal como a percepção é composta de partes, a matéria que lhe corresponde também é composta de partes. Começaremos deste ponto.

SECÇÃO 1. OUTRAS CONSEQÜÊNCIAS QUE SE SEGUEM DA PROVA DAS PERCEPÇÕES INCONSCIENTES POR VIA DOS EFEITOS EMPÍRICOS

Comprovada a existência das percepções inconscientes em âmbito empírico, ou seja, que existem objetos que afetam nossos órgãos sensoriais sem que a alma se dê conta disso, Leibniz concluirá uma série de teses importantes. A primeira delas é a de que **a matéria está dividida ao infinito**.

Tal como aludimos, provar que as percepções inconscientes existem a partir dos efeitos empíricos não significa apenas dizer que a alma tem em si mesma essas percepções, mas, também, que na própria matéria existem elementos condizentes com cada uma delas. Ora, sabemos que todas as percepções claras provindas dos sentidos são compostas de percepções confusas, por guardarem em si mesmas uma série de elementos que a alma não apercebe. Por conta disso, Leibniz afirmará que toda percepção notável é composta de partes não notáveis. E como cada percepção condiz exatamente com seu quinhão de materialidade, Leibniz concluirá que a própria matéria, correspondente à idéia, deve ser igualmente composta⁷². As partes componentes da matéria, por sua vez, também são materiais. Logo, elas também devem ser compostas de outras partes, e essas de outras, e de outras ao infinito. De modo que toda a matéria é composta de partes ao infinito. Ou, o que é o mesmo, **toda matéria é dividida ao infinito**: “Em uma palavra, as percepções insensíveis são de uso tão vasto na pneumática quanto os corpúsculos insensíveis o são na física, sendo igualmente irracional rejeitar uns e outros, sob o pretexto de que estão fora do alcance de nossos sentidos” (NE, Pref., p.43)⁷³.

Por exemplo, a percepção clara da cor verde, que se deve a movimentos insensíveis da matéria sobre nossos órgãos sensoriais⁷⁴, na realidade é composta de outras percepções, a do azul e a do amarelo: “é manifesto (...) que o verde se origina do azul e do amarelo mesclados” (NE, II.ii.§1, p.95). Essas duas percepções, por sua vez, também se devem a esses movimentos insensíveis da matéria sobre nossos sentidos. Por isso, tal como a percepção do verde é composta das percepções do azul e do amarelo, a matéria que lhe corresponde também deve ser composta da matéria relativa às outras duas percepções. De onde se segue que estas também devem ser compostas de outras texturas materiais, e assim ao infinito:

se algumas cores ou qualidades desaparecessem aos nossos olhos melhor armados e

⁷² Essa equivalência entre a composição da percepção e da matéria, defendida por Leibniz, se liga a sua tese de que nossa percepção é sempre verdadeira. Por isso, ela sempre corresponde exatamente àquilo que é percebido: “E como a visão de Deus é sempre verdadeira, as nossas percepções igualmente o são, mas nossos juízos, que são apenas nossos, nos enganam” (DM, §14, p.51).

⁷³ São exatamente os corpúsculos insensíveis que permitem a Leibniz desenvolver a tese da divisibilidade infinita da matéria por meio das percepções inconscientes.

⁷⁴ “São também as partes insensíveis de nossas percepções sensíveis que fazem com que exista uma relação entre essas percepções das cores, do calor e outras qualidades sensíveis, e entre os movimentos nos corpos que lhes correspondem” (NE, Pref. p.43). Cf. também NE: II.viii.§§13-24, pp.102-4; e, IV.vi.§7, p.317.

feitos mais penetrantes⁷⁵, nasceriam obviamente outras: seria então necessário um novo aumento de nossa perspicácia para fazê-los também desaparecer; isso poderia levar ao infinito, **como a divisão atual da matéria efetivamente vai** (NE, II.xxiii.§§12-3, p.171).

Essas pequenas percepções, **devido às suas consequências**, são por conseguinte mais eficazes do que se pensa. São elas que formam (...) essas imagens das qualidades dos sentidos, claras no conjunto, porém, confusas nas suas partes individuais, essas impressões que os corpos circundantes produzem em nós, que envolvem o infinito (NE, Pref., p.42).

A. Da Lei da Continuidade (na Física)

A partir dessa composição, ou divisão, ao infinito da matéria, Leibniz derivará uma outra tese importante, já demonstrada por ele nas *Notícias da República das Letras*, mas que nos *Novos Ensaios*, se segue de modo *a posteriori* das percepções inconscientes, a saber: a Lei da Continuidade.

Por meio dessa lei, Leibniz afirma que o grande sempre deriva do pequeno, o pequeno de uma mais ínfimo, ao infinito, não existindo qualquer hiato, interrupção, ou salto⁷⁶, mas apenas um *continuum*, seja nas partes corpóreas, seja nos graus: “aquilo que é notável deve estar composto de partes que não são notáveis; nada pode nascer de repente, nem o pensamento nem o movimento⁷⁷” (NE, II.i.§18, p.93).

Nada se faz de repente, e uma das minhas grandes máximas, e das mais comprovadas, é que *a natureza nunca faz saltos*: o que eu denominei *Lei da Continuidade*, quando dela falei nas primeiras *Notícias da República das Letras*. O uso dessa lei é muito considerável na física: ela significa que se passa sempre do pequeno ao grande, e vice-versa, através do médio, tanto nos graus⁷⁸ como nas partes, e que jamais um movimento nasce imediatamente do repouso nem se reduz, a não ser por um movimento menor, assim como não se chega jamais a percorrer nenhuma linha ou comprimento antes de ter percorrido uma linha menor, se bem que até agora os que elaboraram as leis do movimento não tenham observado esta lei, acreditando que um corpo possa receber em um instante um movimento contrário ao precedente. De tudo isto, faz bem julgar que as percepções grandes e notáveis provêm por graus daquelas que são excessivamente insignificantes para serem notadas. Não concordar com isto equivale a conhecer pouco a imensa sutileza das coisas, que envolve um infinito atual, em toda parte e sempre (NE, Pref., p.43).

⁷⁵ Por exemplo, quando utilizamos lupas, microscópios, etc: “quem observa a cor verde em uma mistura de pó, deixa de vê-la quando emprega uma lupa, e vê uma mistura de amarelo e azul” (GP, IV, *Advertencia*, p.365).

⁷⁶ “Tudo procede por graus na natureza, e nada em saltos, sendo que esta regra a respeito das mudanças constitui uma parte da minha lei da continuidade (NE, IV.xvi.§12, p.374).

⁷⁷ Seria mais correto que Leibniz dissesse: ‘nem **no** pensamento, nem **no** movimento’, dado que pensamento e movimento são coisas que nunca deixam de existir (veremos isso mais adiante). O que deixa de ser são os pensamentos notáveis. E desses podemos dizer que não podem ‘nascer de repente’, necessitando do auxílio dos pensamentos, ou percepções, inconscientes.

⁷⁸ O termo ‘graus’ neste contexto aparece como sinônimo de ‘intensidade’, palavra que Leibniz utiliza para designar, por exemplo: a maior ou menor velocidade de um movimento, a maior ou menor frequência de um som, etc. Cf. NE, II.xvii.§6, p.125.

Ora, já vimos que as percepções inconscientes nos mostram que o notável é composto de partes não notáveis, tanto no que diz respeito às idéias quanto no que diz respeito à matéria que corresponde a essas idéias. E como esta composição vai ao infinito, pois o composto é formado de outras partes compostas, e essas de outras, e outras, segue-se que ela é contínua. Ou seja, o grande deriva do pequeno, o pequeno de um mais ínfimo, este de um outro, ao infinito, e sem qualquer interrupção. Logo, comprovando a composição ao infinito da matéria, as percepções inconscientes, automaticamente, comprovam também a lei da continuidade na física.

Leibniz apresenta essa prova, analisando o exemplo do bramido do mar. Nos diz o filósofo: o bramido do mar que apercebemos, quando andamos na orla da praia, é **formado** (composto) por pequeninos ruídos provenientes de pequeninas ondas. Deste modo, é **necessário** “escutarmos” esses ruídos, ainda que de maneira inapercebida, para podemos ouvir o bramido do mar. Logo, o bramir **não nasce de repente**. Ele nasce dos pequeninos ruídos. E se não “escutássemos” esses ruídos, não poderíamos ouvir o bramir:

Para melhor julgar sobre as pequenas percepções que somos incapazes de distinguir em meio à multidão delas, costumo utilizar o exemplo do bramido do mar, que nos impressiona quando estamos na praia. Para ouvir este ruído como se costuma fazer, é necessário que ouçamos as partes que compõem este todo, isto é, os ruídos de cada onda, embora cada um desses pequenos ruídos só se faça ouvir no conjunto confuso de todos os outros conjugados, isto é, no próprio bramir, que não se ouviria se esta onda que o produz estivesse sozinha. Com efeito, é necessário afirmar que somos afetados, por menos que seja, pelo movimento desta minúscula onda, e que temos alguma percepção de cada um dos seus ruídos, por menores que sejam; **se assim não fosse, não teríamos a percepção de cem mil ondas, pois cem mil ondas nunca poderiam produzir alguma coisa** (NE, Pref., pp.41-2).

B. Do Pleno (*plenum*)

Aliado ao *continuum*, Leibniz desenvolverá uma concepção absolutamente original acerca da matéria, agregando elementos das físicas de Aristóteles e de Demócrito, descaracterizando a perfeita fluidez e indeterminação da noção de *matéria prima* do estagirita e a absoluta dureza dos átomos do pré-socrático, pela consideração de que a matéria tem ao mesmo tempo um certo grau de dureza e fluidez; como se a dizer: nem totalmente indeterminada e permeável, nem absolutamente determinada e impermeável.

deve-se antes conceber o espaço como cheio de uma matéria originalmente fluida, suscetível de todas as divisões e sujeita mesmo atualmente a divisões e subdivisões ao infinito, porém com esta diferença: que ela é dividida e divisível de maneira desigual em lugares diferentes, devido aos movimentos que já são mais ou menos

convergentes. Isto faz com que a matéria tenha em toda parte um grau de dureza e ao mesmo tempo de fluidez, e que não exista corpo algum que seja duro ou sólido em grau supremo, ou seja, não há nenhum corpo no qual se encontre algum átomo de dureza insuperável nem nenhuma massa indiferente à divisão. Aliás, também a ordem da natureza, e particularmente **a lei da continuidade**, destroem igualmente tanto um como o outro (NE, Pref., pp.45-6).

Isso, é claro, se deve ao que nos mostraram as percepções inconscientes, pois a matéria não pode ser compreendida como sendo absolutamente determinada e impassível de divisão ao infinito, tal como a compreendia Demócrito a partir de sua noção de átomo (que em grego significa *indivisível*), nem, tampouco, ser compreendida como absolutamente fluida e sem nenhum aspecto resistente e limitativo, visto que, se assim o fosse, nada existiria realmente e tudo se perderia numa relação indeterminada de partes confundidas umas nas outras, não havendo espaço para nenhuma continuidade. De onde se segue a tese de que cada parte da matéria está como que participando de uma outra, sem que por isso haja qualquer rompimento de seus frágeis limites **atuais** (os quais não permanecem mais do que um instante).

Assim, visto que a matéria é totalmente dividida ao infinito formando um *continuum*, e cada uma de suas partes está como que tocando e sendo tocada pelas outras, Leibniz dirá que ela preenche todos os espaços: “todos os lugares estão plenos de corpos” (C, *Consequencias ...*, §10, p.15). Por isso, tal como não existem saltos, não existe o **vazio**, mas sempre um **pleno** (*plenum*) de corpos, tocando uns nos outros: “é impossível compreender que o corpo possa agir sobre aquilo que não toca; isto seria o mesmo que imaginar que possa agir lá onde não está” (NE, Pref., p.46)⁷⁹.

C. De que todos os corpos estão afetando todos os corpos

Desta concepção da matéria, Leibniz derivará a tese que consideramos ser uma das mais importantes de seu pensamento, e crucial para o que apresentaremos a seguir: **todos os corpos do universo estão afetando todos os corpos do universo a partir da circunvizinhança material em que estão dispostos**: “nenhum corpo pode mover-se sem que o corpo vizinho se mova algo, e pela mesma razão o vizinho do vizinho, e assim até qualquer distância, por maior que seja” (C, *Consequencias ...*, §10, p.15). E como nosso corpo orgânico é mais um desses corpos, ele também deve estar sendo afetado pelo universo inteiro, ainda que não nos apercebamos disso:

Essas pequenas percepções, devido às suas consequências, são por conseguinte mais eficazes do que se pensa. São elas que formam (...) essas impressões que os corpos circundantes produzem em nós, que envolvem o infinito, **esta ligação que cada ser possui com todo o resto do universo** (NE, Pref., p.42).

Essa tese se demonstra de maneira simples, pelas premissas que apresentamos: se os corpos materiais estão tocando os corpos próximos, e os próximos os seus vizinhos, cada corpo do universo afetando ao menos um, estará afetando a todos. Logo, todos os corpos do universo estão afetando todos os outros corpos do universo. Por isso, também, o nosso corpo orgânico, enquanto mais uma das entidades corpóreas, igualmente está sendo afetado. E nossa alma está percebendo inconscientemente o universo inteiro⁸⁰: “todo corpo orgânico é afetado pelo universo inteiro” (C, *Consequencias*, §10, p.15).

E convém saber, em virtude da natureza das coisas, que ocorre com o corpo animal (segundo Hipócrates) o mesmo que ocorre com o universo inteiro, tudo sendo $\blacklozenge\blacklozenge\blacklozenge\blacklozenge\blacklozenge\blacklozenge\blacklozenge\blacklozenge\blacklozenge\blacklozenge$ (*sympnoia pánta*)⁸¹, e cada ente concorda com cada ente conforme uma razão determinada. Posto que todos os lugares estão plenos de corpos, e todos os corpos estão dotados de certo grau de elasticidade, de modo que cedam algo a qualquer impulso, por pequeno que seja; em virtude disso se segue que nenhum corpo pode mover-se sem que o corpo vizinho se mova algo, e pela mesma razão o vizinho do vizinho, e assim até qualquer distância, por maior que seja. Disso se depreende que cada corpúsculo padece sob a ação do universo e é afetado por ele de várias maneiras, de modo que um ser onisciente pode conhecer em cada partícula do universo tudo quanto acontece no universo inteiro; o qual, claro está, não poderia passar se a matéria em todas as partes não fosse divisível, mais ainda, não estivesse atualmente dividida até o infinito. E por isso, (...) todo corpo orgânico é afetado pelo universo inteiro (C, *Consequencias...*, §10, pp.14-5).

Assim, comprovando preliminarmente a divisibilidade da matéria, e por conseguinte, a tese do *continuum* e do *plenum* material, as percepções inconscientes permitem que Leibniz estabeleça a tese da mútua afetação dos corpos, o que será de crucial importância para o que veremos a seguir.

SECÇÃO 2. PASSAGEM DO FÍSICO PARA O METAFÍSICO: DINÂMICA

⁷⁹ Assertiva de Locke citada e elogiada por Leibniz, referente à terceira edição inglesa dos *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, Livro II, cap.8, §11.

⁸⁰ Com exceção, é claro, da parte absolutamente ínfima que apercebemos de todo o universo.

⁸¹ *Sympnoia pánta*, que significa: tudo é acordo, tudo é concordância. “Deve se notar que h *sympnoia* é a respiração conjunta, ‘conspiração’; no sentido figurado quer dizer, acordo, união. A expressão que Leibniz atribui a Hipócrates significa, então, ‘tudo é acordo, tudo é concordância’. O texto hipocrático é um tanto diferente (*De nutrimento*, 23; em Diels-Kranz, *Fragmente der Vorsokratiker*, 7ª edição, 22 C 2, vol. I, p.189). Hoje se concorda que esta expressão hipocrática tenha sido sugerida a Leibniz pela leitura de Plotino”, LEIBNIZ. *Escritos Filosóficos*. Trad. Roberto Torretti, Tomás Zwanck e Ezequiel de Olaso. Buenos Aires: Editorial Charcas, p.508, n.8.

Nesta seção, passaremos a analisar as teses que nos permitirão alcançar os temas metafísicos de Leibniz a partir de sua física; ou, mais exatamente, a partir de sua dinâmica, pois, como ele mesmo afirma: “a física está subordinada pela geometria à aritmética, e pela dinâmica à metafísica” (GP, IV, *Exame*, p.398). Por conta disso, analisaremos as teses da igualdade entre a causa plena e o efeito inteiro, da correspondência dos corpos, da força e da individualidade material.

Em relação a essas teses, o mais importante é notarmos a participação *como que* à distância das percepções inconscientes, pois a base da dinâmica de Leibniz está na igualdade entre causa e efeito, e a tese da igualdade entre causa e efeito se deve à afetação mútua de todos os corpos, já demonstrada acima por essas percepções. Por isso, quase não nos utilizaremos do conceito de percepção inconsciente nesta seção.

a. Da igualdade entre causa e efeito

Se todos os corpos do universo estão afetando todos os outros corpos do universo, e essa afetação é considerada uma influência causal, de todos os corpos poderíamos dizer, ao mesmo tempo, também serem efeitos dos outros, o que é um absurdo, pois as coisas não podem ser causa ao mesmo tempo daquilo de que são efeito.

Frente a essa incoerência, a saída do filósofo de Leipzig será a de eliminar a relação de causa e efeito entre os corpos, considerando que deve existir uma igualdade entre causa e efeito. Leibniz afirma: “Cumprir reconhecer que, ao dizer que *causa eficiente* é aquilo que produz, e *efeito* é aquilo que é produzido, utilizamos apenas sinônimos” (NE, II.xxvi.§§1-2, p.178).

Já adverti anteriormente que quando dizemos que todas as coisas da natureza devem explicar-se mecanicamente⁸², deviam excetuar-se as razões mesmas das leis do movimento, isto é, os princípios do mecanicismo, que não se obtêm por considerações de ordem matemática e mediante a imaginação do sujeito, mas que devem ser deduzidas de uma fonte metafísica, a saber, da igualdade entre a causa e o efeito (...). Em suma, como já se disse, a física está subordinada pela geometria à aritmética, e pela dinâmica à metafísica (GP, IV, *Examen*, p.398).

Mas que tipo de relação, senão a causal, os corpos materiais podem manter entre si, dado que deve existir algum tipo de relação dinâmica entre eles para que se entenda a profusão de acontecimentos que a todo o momento se sucedem na ordem das coisas, inclusive com o nosso corpo orgânico? Leibniz dirá que entre eles o que existe é uma relação de correspondência.

b. Da relação de correspondência: a força

Mas o que é esta relação de correspondência? De acordo com Leibniz, repetindo uma fórmula de Hipócrates, *sympnóia pánta*, tudo é concordante, e cada corpo concorda com cada corpo segundo uma razão determinada: “cada ente concorda com cada ente conforme uma razão determinada” (C., *Consequencias*, §10, p.15). Assim, quando um corpo x se move em função de um corpo y, isso não se deve a nenhuma afetação do segundo sobre o primeiro, mas ao fato de que existe em x uma força motora que corresponde exatamente à força motora que y exercerá sobre ele, tal como em y também já existe a força de resistência oposta por x ao movimento em questão. De maneira que, entre ambos, não existe nenhuma relação de causa e efeito (afetação), mas uma relação de correspondência: “os corpos sempre recebem do choque um movimento próprio que possuem por força própria, ao que o impulso alheio só oferece a ocasião, e por assim dizer, a determinação para operar” (GP, IV, *Examen*, p.397).

Muitas coisas que aparecem naquela dissertação apologética⁸³ colocam dificuldades, como quando disse no capítulo 4, §11, que se o movimento de uma bola é transmitido a outra mediante muitas intermediárias, a última bola é movida pela *mesma força* que move a primeira bola. A mim me parece que ela é movida por uma força equivalente, porém não pela *mesma força*, pois (ainda que possa parecer assombroso) cada bola se põe em movimento *por sua própria força* (GP, IV, *On nature itself*, §14, pp.514-5).

Assim, Leibniz afirmará que cada corpo já contém em si mesmo aquilo que corresponde aos outros com os quais se relaciona, a saber: uma força motriz e resistente. E como todos os corpos se relacionam com todos os corpos, cada corpo traz consigo aquilo que corresponde a todos os outros. Ou seja, cada corpo traz consigo mesmo como que o universo inteiro, na forma de uma *força insita* que nunca deixa de atuar e corresponder. Leibniz diz: “de modo que um ser onisciente pode conhecer em cada partícula do universo tudo quanto acontece no universo inteiro” (C., *Consequencias*, §10, pp.14-5).

Por isso, além de comportarem certo grau de dureza e fluidez, Leibniz também defenderá que os corpos são **elásticos** e trazem dentro de si mesmos uma força

⁸² Ou seja, por via da noção de causa e efeito.

⁸³ Leibniz está se referindo à dissertação apologética que Johann Christopher Sturm escreveu para defesa da obra *De idolo naturae*, também de sua autoria, por conta das críticas que recebera de Christopher Schelhammer. Cf. LEIBNIZ. *Philosophical Essays*. Trad. Roger Ariew e Daniel Garber. Indianápolis-Cambridge: Hackett Publishing Company, 1989, p.155.

ínsita para agir (motriz e resistivamente), tal como num arco tensionado, cuja força contém aquilo que corresponde ao movimento da flecha, ou como na tensão do arco na lira, cuja força contém aquilo que corresponde ao melodioso som: “Isto [a força] pode ilustrar-se com os exemplos de um peso pendurado, que mantém tensa a corda que o sustenta, ou de um arco tensionado” (GP, IV, *La reforma...*, p.469).

c. Princípio da Individuação

De acordo com o que vimos a partir do conceito de *plenum*, sabemos que cada corpo se relaciona com todos os outros a partir da circunvizinhança material em que estão dispostos. Ora, nenhum corpo detém a mesma circunvizinhança dos demais. Quer dizer, nenhum corpo corresponde a todos os outros da mesma maneira. Disso se segue que nenhum deles traz consigo todo o universo da mesma maneira. E cada um diverge de todos os outros, dada a diferente perspectiva em que estão dispostos entre si. Ou seja, cada corpo é uma entidade individual diferente de todos os outros, comportando um mesmo universo em perspectivas distintas:

a individualidade envolve o infinito, e só aquele que for capaz de compreender isto pode ter o conhecimento do princípio de individuação desta ou daquela coisa. Isso se deve à influência - a ser entendida corretamente - de todas as coisas do universo, umas sobre as outras (NE, III.iii.§6, p.225).

Correspondendo a todos os outros, cada corpo também se modifica em função dos demais por todo o tempo, de maneira que, além de serem diferentes entre si, cada corpo é também diferente de si mesmo após um instante, não sendo o mesmo por mais de um momento: “dois indivíduos físicos jamais serão perfeitamente semelhantes e, o que é mais, o mesmo indivíduo passará de uma espécie à outra, pois jamais será em tudo semelhante a si mesmo depois de um instante” (NE, III.vi.§13, p.240).

É o que Leibniz chamará de **variações insensíveis**, pois são modificações quase sempre percebidas inconscientemente por nós, mas que nem por isso devem ser consideradas como inexistentes: “A verdade é que todo corpo é alterável, e até alterado sempre atualmente, de maneira que em si mesmo difere de qualquer outro” (NE, II.xxvii.§3, p.180).

Por isso, sobre essas variações insensíveis, Leibniz dirá que elas também comprovam a individualidade dos entes materiais: “Observei também que em virtude das variações insensíveis, duas coisas individuais não podem ser completamente

semelhantes, devendo sempre diferir uma da outra mais do que *numero*⁸⁴ (NE, Pref., p.43).

Estabelecidas essas premissas, e considerando que a tese da correspondência e o que dela se segue deriva das percepções inconscientes, pela demonstração da afetação mútua de todos os corpos, podemos passar à demonstração das teses metafísicas que nos propomos a examinar, e que Leibniz diz serem passíveis de explicação por meio dessas mesmas percepções.

SECÇÃO 3. AS TESES METAFÍSICAS

Apenas a título de esclarecimento, as teses que apresentaremos a seguir têm características distintas. A harmonia preestabelecida entre alma e corpo é explicada diretamente pelas percepções inconscientes. As outras duas - da individualidade da alma e da harmonia preestabelecida entre todas elas - necessitam das explicações em dinâmica que disponibilizamos acima. O mais importante é notarmos como essas duas últimas teses se seguem **forçosamente** das anteriores.

A. Harmonia Preestabelecida entre Alma e Corpo

De acordo com Leibniz, toda alma está sempre ligada a um corpo orgânico. E não existe qualquer meio racional de se explicar uma influência direta de um sobre o outro. Todavia, não se pode negar que entre eles exista alguma relação, dado que a alma percebe os sentimentos do corpo, e o corpo responde às deliberações da alma. Assim, tal como fizera com os corpos, mas num sentido um pouco diferente, Leibniz também afirmará que entre alma e corpo existe uma relação de correspondência, defendendo que esta pode ser demonstrada pelas percepções inapercebidas: **“É também pelas percepções insensíveis que se explica esta admirável harmonia preestabelecida da alma e do corpo**, e mesmo de todas as Mônadas, ou substâncias simples, que substitui a influência insustentável de uns sobre os outros (NE, Pref., p.42).

Entretanto, como dissemos no início deste capítulo, Leibniz não apresenta esta demonstração, nem nos *Novos Ensaios*, nem em qualquer outro de seus escritos que

⁸⁴ Isto é, numericamente, quantitativamente. Como se disséssemos que dois cavalos são totalmente iguais, e diferem apenas porque são **dois** cavalos.

tivemos a oportunidade de analisar; o mesmo acontecendo com os outros dois temas que examinaremos a seguir. Não obstante, ele apresenta vários argumentos que servem de base para esta demonstração.

A tese da correspondência, como já vimos (Parte I, Cap.1, sec.2), indica que todo sentimento corporal responde a uma percepção na alma, e vice-versa: “existe sempre uma correspondência exata entre corpo e alma” (NE, II.i.§15, p.92), pois “o corpo responde a todos os pensamentos da alma, racionais ou não” (NE, II.i.§15, p.92), e, “as percepções da alma respondem sempre naturalmente à constituição do corpo” (NE, II.i.§15, p.93). Logo, para fins demonstrativos: se uma percepção na alma responder a um sentimento no corpo, e um sentimento no corpo responder a uma percepção na alma, valerá a tese da correspondência entre alma e corpo.

Leibniz afirma que esta tese é demonstrada pelas percepções inconscientes. Deste modo: 1. se existir um sentimento insensível no corpo, então deve existir uma percepção inconsciente na alma ($C \rightarrow A$); 2. se existir uma percepção inconsciente na alma, então deve existir um sentimento insensível no corpo ($A \rightarrow C$); e, 3. se essas duas implicações forem verificadas, valerá a tese da correspondência (TC). Formalmente: $((C \rightarrow A) \wedge (A \rightarrow C)) \rightarrow TC$. Equivalente à: $(A \leftrightarrow C) \rightarrow TC$.

1. ($C \rightarrow A$)

1.1. Quando uma pessoa está dormindo, sua alma está inconsciente⁸⁵. Mas, se tocarmos o seu corpo, ela desperta. Logo, deve existir uma percepção inconsciente na alma que responda ao sentimento insensível do corpo. Isso se comprova pelo fato da alma ter acordado, pois, se não existissem essas percepções, a alma não poderia ter sido despertada, nem pelo maior ruído do mundo.

Sempre temos algum fraco sentimento quando dormimos, mesmo quando não sonhamos. **O próprio acordar indica isto:** quanto mais facilmente somos acordados, tanto mais temos o sentimento do que acontece fora (NE, II.i.§13, p.91).

Jamais dormimos tão profundamente que não tenhamos algum sentimento fraco e confuso; e jamais seríamos despertados pelo maior ruído do mundo, se não tivéssemos alguma percepção do seu início, que é pequeno (NE, Pref., p.42)⁸⁶.

⁸⁵ O termo ‘inconsciente’, aqui, é utilizado para qualificar o estado geral da alma. Por isso, não estamos assumindo o que temos de provar, a saber: que existe uma percepção inconsciente na alma que responde a um sentimento insensível no corpo.

⁸⁶ Nesta primeira prova, é difícil considerarmos que o corpo tenha tido um sentimento insensível sem incorrerem num círculo vicioso, pois, teríamos de assumir que a afetação foi insensível porque a pessoa estava dormindo, i.e., estava inconsciente. Esta passagem dos *Novos Ensaios*, porém, esclarece a

1.2. O corpo de um homem acordado pode ser afetado por um ruído, e sua alma não se dar conta disso. Todavia, se alguém lhe perguntar se ouviu o ruído, ele pode “lembrar” do fato; ainda que não o tenha apercebido na hora em que aconteceu. Mas como ele pode se lembrar? Só o pode porque existe em sua alma, na memória, a percepção (o pensamento) que respondeu ao sentimento insensível no corpo, provocado pelo barulho. Isso se comprova, pelo seu testemunho, de que se lembra do barulho.

muitas vezes acontece, quando não cuidamos de prestar atenção a algumas de nossas percepções presentes, que as deixemos passar sem reflexão e até sem notá-las; todavia, se alguém nos adverte imediatamente depois, e nos chama a atenção, por exemplo, para algum ruído que houve, lembramo-nos dele e nos damos conta de tê-lo percebido de alguma forma. Por conseguinte, eram percepções das quais não nos tínhamos dado conta de imediato, sendo que a apercepção, nesse caso, provém exclusivamente de havermos sido advertidos depois de um certo intervalo, por menor que seja (NE, Pref., p.41).

2. (A→C)

2.1. Os costumes, os hábitos, as crenças, e outras inclinações anímicas dessa natureza, na maioria das vezes, são inconscientes⁸⁷. Se um homem adulto, por motivos que ele mesmo desconhece, ou seja, por hábito, se reúne sempre com tais e tais pessoas (e.g., de um mesmo partido), isso também prova que sentimentos insensíveis no corpo respondem a inclinações inconscientes na alma. E se verifica quando efetivamente a pessoa repete a **ação** de se juntar aos seus pares⁸⁸.

Agarramo-nos às pessoas, às leituras e às considerações favoráveis, a um certo partido, e não se dispensa atenção ao que vem do partido contrário, e por este meio, e por mil outros que utilizamos, **o mais das vezes sem deliberação e sem pensar nisso**, conseguimos enganar-nos, ou, pelo menos, mudar-nos e converter-nos, ou perverter-nos, conforme aquilo que encontramos (NE, II.xxi.§23, p.141).

questão, pois nos remete novamente à tese do *continuum*, nos lembrando que, para Leibniz, nada acontece de repente. Desta forma, tanto o toque no corpo, quanto o estrondo, devem ter começado de maneira muito pequena, ou seja, insensível, para os nossos limitados órgãos sensoriais. Logo, podemos considerar que a percepção inconsciente na alma respondeu de fato a um **sentimento insensível no corpo**.

⁸⁷ “Todas as nossas ações **não deliberadas** são resultado de um concurso de pequenas percepções, e mesmo os nossos hábitos e paixões, **que tanta influência exercem sobre nossas deliberações**, provêm dali” (NE, II.i.§15, pp.91-2).

⁸⁸ Neste caso, deve existir um **sentimento** no corpo, porque o corpo efetivamente responde ao hábito, que é anímico. Todavia, por que devemos considerá-lo insensível? Aparentemente, Leibniz não trata desta questão. Entretanto, se apelarmos para as nossas experiências pessoais, é certo: que não sentimos e não sabemos que sentimento no corpo responde a um hábito. Por isso, ele realmente deve ser considerado insensível. Este mesmo argumento vale para a prova seguinte.

2.2. Os medos relativos a superstições, a traumas, o terror e outras inclinações anímicas desta natureza, na maioria das vezes, são inconscientes. Uma pessoa que sofre de hematofobia, por exemplo, sente-se mal na presença de sangue, e não sabe explicar o motivo de seu terror, que é inconsciente. Não obstante, mesmo sem saber o porquê, é sabido que algumas dessas pessoas até desmaiam quando se deparam com a menor ferida. Logo, deve existir um sentimento insensível no corpo que responda ao medo inconsciente na alma. E isso se comprova, pois a pessoa realmente desmaia⁸⁹.

O Sr. Descartes, tendo sentido na infância certa afeição por uma pessoa estrábica, nunca conseguiu se livrar de uma certa **inclinação** por aqueles que sofrem deste defeito. O Sr. Hobbes, outro eminente filósofo, não conseguia - assim se conta - permanecer sozinho em um lugar escuro, sem ter o espírito assaltado por imagens de espectros, embora não acreditasse nisso, sendo que esta impressão lhe havia ficado na mente desde as histórias que havia ouvido na infância⁹⁰. Pessoas sábias e dotadas de muito bom senso, que estão muito acima das superstições, não conseguem permanecer em número de treze em uma refeição, pois em outros tempos ouviram dizer que num caso desses um dos trezes deve morrer durante o ano. Havia um cidadão que, talvez por ter se ferido na infância por um alfinete mal colocado, não podia mais ver um alfinete sem desmaiar⁹¹ (NE, II.xxxiii,§18, p.209).

3. $((C \rightarrow A) \wedge (A \rightarrow C)) \rightarrow TC$.

Assumindo-se que comprovamos, de maneira *a posteriori*, e pelas percepções inconscientes, as duas implicações ($C \rightarrow A$; e $A \rightarrow C$), retira-se, por *Modus Ponens*, a comprovação da tese da correspondência entre alma e corpo; tal como afirmado, mas não desenvolvido por Leibniz.

Assim, correspondendo em tudo ao seu corpo orgânico, de modo que tudo o que acontece ao corpo acontece na alma e vice-versa, cada alma também traz consigo mesma o universo inteiro numa dada perspectiva. Leibniz dirá: “(...) a alma é um pequeno mundo” (NE, II.i.§1, p.87). O que condiz exatamente com uma outra tese comprovada acima pelas percepções inconscientes, a saber: que as almas percebem o universo inteiro de maneira inapercebida. E as almas humanas percebem o universo inteiro de maneira inconsciente. Por isso, Deus pode ver em cada uma delas o mundo todo de uma só vez:

⁸⁹ Este exemplo não é de Leibniz, mas ele apresenta um análogo na passagem abaixo.

⁹⁰ Se Hobbes não conseguia permanecer sozinho em um lugar escuro, isso significa que seu corpo respondia ao medo inconsciente de sua alma. O mesmo vale para o exemplo dos supersticiosos.

⁹¹ A razão do desmaio não está exatamente na visão, ou apercepção do alfinete, mas no medo inconsciente da pessoa. Logo, o corpo, ao desmaiar, responde ao medo inconsciente da alma.

Pode-se até dizer que, em consequência dessas **pequenas percepções**, o presente é grande e o futuro está carregado do passado, que tudo é convergente (*simphnoia panta*, como dizia Hipócrates), que, na mais insignificante das substâncias, olhos penetrantes como os de Deus poderiam ler todo o desenrolar presente e futuro das coisas que compõem o universo (NE, Pref., p.42).

No mesmo sentido, correspondendo plenamente ao seu corpo orgânico, a alma também traz consigo mesma uma força ínsita para atuar, e por esta força age sempre e nunca cessa de agir: “Digo que esta potência de atuar é inerente a toda substância, e que dela sempre nasce alguma ação; de tal modo que a própria substância corpórea (o mesmo que a substância espiritual) jamais cessa de atuar” (GP, IV, *La reforma...*, p.470). E é por isso que as almas nunca estão sem percepção, e as almas humanas nunca estão sem pensamentos:

A ação não está mais vinculada à alma do que ao corpo; igualmente, um estado sem pensamento na alma e um repouso absoluto no corpo me parecem contrários à natureza, e sem exemplo no mundo. Uma substância [alma] que uma vez esteve em ação, estará sempre em ação, pois todas as impressões permanecem e são apenas mescladas com outras novas. Ao batermos num corpo, excitamos e determinamos nele uma infinidade de turbilhões como em um líquido, pois no fundo todo corpo sólido tem um grau de liquidez e todo líquido tem um grau de solidez, não havendo jamais meio de parar esses turbilhões internos: com base nisso pode-se crer que, se o corpo jamais está em repouso, a alma que lhe corresponde também jamais estará sem percepção (NE, II.i.§9, p.88).

B. O Princípio da Individuação (relativo às almas)

Correspondendo totalmente ao seu corpo orgânico, e conseqüentemente ao fato de cada um ser diferente de todos os demais (dada a perspectiva em que se relacionam uns com os outros), cada alma apresenta-se também como uma entidade individual, diferente de todas as outras. E isso se segue forçosamente das percepções inconscientes, dado que por elas se explicou a correspondência entre alma e corpo, e por seus meios comprovamos a tese da individualidade dos entes materiais: “visto que existe uma diversidade individual, necessariamente esta diferença consiste pelo menos nas constituições insensíveis” (NE, II.xxvii.§23, p.190).

Este conhecimento das percepções insensíveis serve outrossim para explicar por que e de que maneira duas almas humanas ou de uma mesma espécie não saem jamais completamente semelhantes das mãos do Criador e cada **qual delas tem sempre a**

sua relação originária aos pontos de vista que terão no universo⁹². Aliás, é o que se segue já daquilo que observei em relação a dois indivíduos, ou seja, que a diferença existente entre eles é sempre *mais do que meramente numérica* (NE, Pref., p.44).

Todavia, diferentemente dos corpos, as almas não são indivíduos puramente acidentais (*unum per se accidens*), ou, como já vimos, instantâneos. Para Leibniz, as almas são as verdadeiras unidades individuais e indivisíveis do real (*unum per se*), quer dizer, as verdadeiras substâncias. Por isso, a identidade da alma não se funda exatamente na identidade do corpo, mas nem por isso deixa de corresponder a ela⁹³:

como todo corpo orgânico é afetado pelo universo inteiro com relações determinadas a respeito de cada parte do universo, não é surpreendente que a alma mesma, que se representa tudo o mais conforme às relações de seu corpo, seja como um espelho do universo, que representa as demais coisas, por assim dizer, segundo um ponto de vista. Assim como uma mesma cidade, observada de lados distintos, oferece perspectivas de todo diferentes (C, *Consequencias*, §10, p.15).

Disso se segue que a correspondência entre alma e corpo é bem diferente daquela existente entre os entes materiais, comportando características que na verdade ultrapassam a mera correspondência, com privilégio da alma, aparecendo enquanto a **razão** da identidade do corpo:

Assim, é necessário dizer que os corpos organizados, bem como os outros, só permanecem os mesmos na aparência, e não se falamos a rigor. É mais ou menos como um rio, que sempre muda de água, ou como o navio de Teseu, que os atenienses reparavam constantemente (NE, II.xxvii.§4, p.180).

Por conta deste privilégio da alma em relação ao corpo, não avançaremos além deste ponto, que nos leva a outros aspectos da metafísica de Leibniz, a saber: a alma como a verdadeira força motriz de todos os corpos (orgânicos ou não), a matéria como representação da alma, as almas como as únicas entidades criadas realmente existentes por si mesmas, etc.

⁹² Quer dizer, tem sempre uma relação originária com o corpo orgânico ao qual está unida desde o início dos tempos: “como todo corpo orgânico é afetado pelo universo inteiro com relações determinadas a respeito de cada parte do universo, não é surpreendente que a alma mesma, que se representa tudo o mais conforme às relações de seu corpo, seja como um espelho do universo, que representa as demais coisas, por assim dizer, segundo um ponto de vista. Assim como uma mesma cidade, observada de lados distintos, oferece perspectivas de todo diferentes” (C, *Consequencias*, §10, p.15).

⁹³ Isso nos leva novamente à tese da **identidade real das almas**, demonstrada no capítulo anterior exatamente pelas percepções inconscientes: “Essas percepções insensíveis assinalam e constituem o próprio indivíduo, que é caracterizado pelos vestígios ou expressões que elas conservam dos estados anteriores deste indivíduo, fazendo a conexão com o seu estado atual, percepções que se podem conhecer por um espírito superior [Deus], mesmo que este indivíduo não as pudesse sentir, isto é, quando a recordação explícita não estivesse mais presente” (NE, Pref., p.42).

C. Harmonia Preestabelecida entre Todas as Almas (ou Substâncias)

Ora, se cada alma corresponde ao seu corpo orgânico, e cada um desses corpos corresponde aos demais de sua espécie, pois todos os corpos correspondem a todos os corpos, é forçoso admitirmos que entre as almas também deva existir uma relação de correspondência condizente com as outras duas; e que essa correspondência também seja explicada pelas percepções inconscientes, pois a relação de correspondência entre os corpos se deve as suas consequências, e a correspondência entre alma e corpo fora explicada por elas:

É também pelas percepções insensíveis que se explica esta admirável harmonia preestabelecida da alma e do corpo, e mesmo de todas as Mônadas ou substâncias simples, que substitui a influência insustentável de uns sobre os outros (NE, Pref., p.42).

Assim, tal como um corpo corresponde ao outro, e cada alma corresponde ao seu corpo orgânico, todas as almas se correspondem entre si, formando o famoso Sistema da Harmonia Preestabelecida, tão pressurosamente defendido por Leibniz em todas as ocasiões. Segundo esse sistema, por exemplo, o assassinato de Abel corresponde ao assassinio de Caim, a traição de Judas corresponde ao atraioamento de Jesus, e tudo segundo uma razão **concordante** e determinada, não havendo qualquer afetação direta entre as almas.

Já afirmei que, no rigor metafísico, tomando a ação como o que acontece à substância *espontaneamente* de seu próprio ser, tudo aquilo que é propriamente uma substância não faz outra coisa senão agir, pois tudo lhe vem dela mesma depois de Deus, não sendo possível que uma substância criada tenha influência sobre outra (NE, II.xxi.§72, p.164).

Concluída esta longa demonstração, acreditamos que tenha ficado comprovado como as percepções inconscientes explicam, a seu modo, algumas das teses metafísicas de Leibniz. E não podemos esperar nada além do que expusemos aqui, como se pedíssemos que as percepções inconscientes, além de tudo o que já foram capazes, demonstrassem também as razões para a existência dos princípios metafísicos examinados. Isto as percepções inconscientes não podem fazer, pois são demonstrações que necessitam de razões que precedem logicamente os princípios (*razões a priori*), enquanto que as percepções inconscientes alcançaram esses mesmos princípios apenas de modo *a posteriori*.